

ENTREVISTA


Yuri Kuroda Nabeshima

Uma especialização diferenciada na área do Direito

Yuri Kuroda Nabeshima entrou em Direito na São Francisco em 2005. Ela hoje está se especializando na área asiática, na qual trabalha atualmente. Na entrevista, ela conta como foi sua trajetória, desde a faculdade aos trabalhos realizados no Japão, para adquirir sua rara e valiosa formação.

JC – Quando e por que você decidiu fazer Direito?

Yuri – Sempre gostei mais da área de Humanas. O que me fez optar por Direito foi a gama de opções que eu teria depois de formada.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei PUC São Paulo e Unesp para Direito, e Unicamp para Letras. Passei na PUC e na Unicamp. Na Unesp fiquei na lista de espera. Na verdade, queria mesmo a São Francisco. Felizmente deu tudo certo.

Quando você entrou no Etapa?

Em 2002.

O que motivou você a vir estudar aqui?

Foi uma escolha bastante consciente. Visitei o Colégio, vi o cuidado com os alunos e achei o ensino forte.

Como foi a luta para ser aprovada na São Francisco? No 3º ano você teve que abrir mão de alguma atividade, por causa do vestibular?

Eu mantive a linha de estudos normal. Acho que os três anos no Colégio Etapa são suficientes para você passar no

vestibular. É lógico que no segundo semestre eu acabei dedicando mais horas aos estudos.

Você chegou a ter dúvida em relação à carreira?

Sempre tive certeza de que era Direito. Eu não via outra possibilidade. Letras, que prestei na Unicamp, é uma opção interessante, mas no Direito você tem mais possibilidades, pode tentar o serviço público ou ser advogada.

Que matérias você teve em cada ano do curso de Direito?

No 1º ano tive Direito Romano, Teoria Geral do Direito Privado, Teoria Geral do Estado, Direito Constitucional, Economia Política e Introdução ao Estudo de Direito. No início, as matérias são mais gerais. No 2º ano, já fechando mais um pouco as áreas, você vê Direito Processual, Direito Penal, Direitos Humanos, Direito Comercial, Teoria Geral das Obrigações, Teoria Geral do Processo. No 3º ano tem Direito do Trabalho, Direito Administrativo, Direito Comercial, Direito Internacional, Medicina Forense. No 4º e 5º ano você tem mais possibilidades de optar por outras matérias. No 5º ano eu optei pela grade livre porque tinha interesse em várias áreas e não sabia exatamente em qual área eu gostaria de

ENTREVISTA

Carreira – Direito

1
ARTIGO

Pontas de pedra lascada levantam questões sobre a pré-história brasileira

5
ESPECIAL

Alunos conferem resultado da Fuvest no ETAPA

7
CONTO

A cozinheira – Artur Azevedo

4
ENTRE PARÊNTESIS

Caiu na Fuvets

7

me especializar. Selecionei matérias de Direito Internacional, Direito Civil, Direito Penal para ver se gostava mais, mas acabei descobrindo que não era muito o que eu gostaria de trabalhar.

Além das aulas, de que atividades você participou durante o curso?

Além dos estágios, entre o 1º e o 2º ano, em dezembro, janeiro e fevereiro, fiz *arubaito* (trabalho temporário no Japão). Minha família é de origem japonesa e eu tinha a curiosidade de conhecer a terra dos meus avós. Como estudante é mais fácil fazer *arubaito*, você ganha um dinheiro para bancar a viagem e aproveita para conhecer o país nos seus dias de folga.

Você trabalhou onde no Japão?

Em uma fábrica de pães em Yokohama. Trabalhei na parte de embalagem. Foi importante como experiência pessoal e me influenciou muito na carreira. Eu criei um vínculo com o Japão e passei a estudar japonês durante a faculdade. Inclusive, por conta do *arubaito*, no meu TCC fiz uma comparação entre Direito brasileiro e Direito japonês.

Você fez estágios onde durante o curso?

A partir do segundo semestre do 2º ano fiz estágio de seis meses em um pequeno escritório de advocacia, nas áreas de Direito Civil e Direito do Trabalho. Eu fazia muitos contratos sociais. No primeiro semestre do 3º ano fui para um escritório maior, no qual também fiquei seis meses. Nele, trabalhei na área empresarial societária. Principalmente constituição de empresas. Era um ritmo de trabalho mais intenso. No 4º ano entrei em um estágio na Procuradoria da Fazenda Nacional onde fiquei cerca de um ano e meio. Basicamente, trabalhava fazendo cobranças. Foi interessante para conhecer uma área diferente, que era o Direito Tributário e Previdenciário. Quando me formei eu estava muito tentada a ir para a área pública.

Qual foi a importância dos estágios para você?

Acho que os estágios são importantes para ter uma ideia do Direito na prática e para ver onde você se encaixa melhor, se vai querer fazer uma carreira pública ou uma carreira privada em escritório.

No último ano da faculdade, qual era sua maior preocupação?

Era a OAB. Desde o início na faculdade você ouve que é uma prova difícil, que a aprovação é baixa, em torno de 10% ou menos. Na São Francisco a aprovação é maior, em torno de 70%.

Além da preocupação com o Exame da Ordem, no último ano tinha o Trabalho de Conclusão de Curso. Você disse que fez uma comparação entre Direito brasileiro e Direito japonês. Que área do Direito você escolheu?

Direito Internacional do Trabalho. O tema de minha dissertação foi a Discriminação da Mulher no Mercado de Trabalho. Eu fazia uma comparação entre o Direito brasileiro e o Direito japonês. No *arubaito* eu percebi que existe uma diferença no tratamento da mulher e do homem no mercado de trabalho. Por exemplo, na mesma atividade, o salário da mulher é inferior ao do homem. Embora na legislação japonesa haja mais proteção para a mulher que na brasileira, na prática, no Brasil você consegue uma maior igualdade. Uma diferença menor entre o homem e a mulher.

Para o exame da OAB você fez alguma preparação específica?

A prova da OAB é composta pela 1ª fase, de múltipla escolha, que na minha época eram 100 questões – e você tinha que tirar 50 mais 1 para ser aprovado para a 2ª fase. Para a 1ª fase eu estudei só. Na 2ª fase entravam cinco questões dissertativas e uma peça para escrever. Fiz um cursinho durante dois meses, direcionado para a parte dissertativa da prova, que é bem específica. Para a peça, escolhi Direito Tributário por causa do estágio na Procuradoria. Tinha mais segurança nessa área.

Formada, com a carteira da OAB em mãos, o que você decidiu fazer profissionalmente?

Quando termina a faculdade você se depara com uma situação estranha. E agora, o que faço? Você tem n opções. Eu sou uma pessoa que não consegue ficar fazendo uma coisa só e comecei o mestrado sobre Direito japonês na São Francisco. Resolvi dar continuidade aos estudos juntamente com a preparação para prestar concurso para o serviço público. Aí recebi convite para trabalhar num escritório novamente e aceitei.

Por que, estando se preparando para concurso na área pública, você voltou a trabalhar em escritório de advocacia?

Trabalhando na área privada é muito mais fácil migrar para a área pública, se você tiver interesse. E para os concursos maiores você precisa de um tempo de experiência atuando como advogado para poder prestar prova e ser aprovado. Também porque eu ainda não tinha certeza se realmente queria área pública.

Você trabalhou quanto tempo nesse escritório?

Fiquei cerca de um ano, até 2011. No primeiro ano do trabalho já estava no 2º ano de mestrado. Foi nesse período que eu prestei a prova para a bolsa Mext, de pesquisa, que é proporcionada pelo Ministério da Educação, Cultura, Esporte

te, Ciência e Tecnologia do Japão. A ideia era complementar minha pesquisa para o mestrado. Como o mestrado era sobre Direito japonês, eu precisava ir ao Japão para efetivamente realizar a pesquisa. Fiquei dois anos no Japão.

Para fazer a pesquisa no Japão você interrompeu o mestrado na São Francisco?

Não. O mestrado é em três anos e no primeiro ano eu fiz todos os créditos, já planejando passar os dois últimos anos no Japão. Como eu cobri todos os créditos, só precisava escrever a dissertação. Escrevi no Japão e quando voltei para o Brasil fiz a defesa do mestrado.

Que tese você defendeu no mestrado? Continuou com o tema do TCC?

Isso. No TCC eu tinha feito a pesquisa especificamente em relação ao Direito japonês. No mestrado eu fiz Direito comparando Brasil e Japão. Uma questão de fontes. Como o TCC é um trabalho mais simples, você não precisa se aprofundar tanto, eu consegui fazer o trabalho com o material que encontrei no Brasil, com alguns que os colegas me emprestaram. Mas para o mestrado você precisa de uma pesquisa maior. Por isso senti a necessidade de ir procurar no Japão esse material.

Essa pesquisa, você desenvolveu em alguma universidade do Japão?

Eu fiquei na Universidade de Tóquio. E durante o tempo de pesquisa, também fiz estágio em um escritório em Tóquio.

Então, você teve a experiência de estagiar em escritórios aqui e no Japão. Os estágios são iguais?

O estágio lá é completamente diferente. É feito durante as férias, dura um ou dois meses. Você passa na empresa para aprender como funciona o escritório. Eles tratam você como um aprendiz. É um tratamento um pouco diferente do que a gente tem no Brasil.

Quando você voltou para cá?

Voltei em abril de 2014. Voltei, fiz a defesa do meu mestrado e comecei a procurar trabalho novamente. Foi quando vim para a Saeki Advogados, o escritório onde trabalho hoje. Cerca de 90%, 95% dos clientes são empresas japonesas. Inclusive, acabo de voltar de uma viagem a trabalho, na qual, com meus pares aqui do escritório, fizemos visita a clientes japoneses.

Qual é sua área de atuação na Saeki?

Trabalho na área de contratos e propriedade intelectual. Propriedade intelectual no Brasil é uma área relativamente nova. É relacionada a marcas e patentes.

Você pretende continuar estudando?

Sim, pretendo fazer doutorado, mas hoje eu quero me dedicar mais ao trabalho, até para criar certo amadurecimento.

Eu acho que experiência de trabalho é importante para começar o doutorado.

O que você planeja para o futuro?

Hoje eu acho que realmente me encontrei na carreira. No começo, logo que me formei, tinha muitas dúvidas entre a carreira pública e a privada. Vejo que estou na área que gosto, relacionada ao Japão, e pretendo me especializar cada vez mais nessa área.

Como está o mercado para o advogado?

Quando o país está vivendo um bom momento você tem muito trabalho, principalmente na minha área de contratos. Hoje a crise atinge todas as áreas, mas o advogado tem essa vantagem, mesmo numa época de crise ele é necessário numa empresa. Para fazer uma reestruturação na empresa, planejamento tributário. Você precisa de um advogado para se amoldar à realidade. Até no caso extremo de uma liquidação, uma falência, você precisa de advogado. O advogado sempre tem trabalho.

O que você acha que é importante para o advogado, que pode diferenciar um profissional do outro?

O diploma é um cartão de visitas, abre as portas quando você vai fazer uma entrevista. Muitas vezes, as pessoas chamam você por causa da faculdade. Mas para crescer na carreira você precisa de mais do que isso. Acho que hoje é muito importante uma segunda língua, uma terceira língua. Na minha área, por exemplo, você tem contatos com empresas de outros países. E é uma coisa cotidiana.

Qual é o melhor perfil para exercer a advocacia?

O Direito é uma área tão ampla que aceita uma gama muito grande de qualificações.

Que recordações você guarda da época do Colégio?

O Etapa foi muito importante na minha formação. Devo muito ao estudo, à estrutura, ao apoio que tive durante os três anos que estive aí. E lembro muito dos amigos. As amizades que você faz no colégio influenciam muito na vida. Foi uma fase muito legal, principalmente porque foi numa época em que a gente está estudando para o vestibular, uma fase complicada em nossa vida, de muitas dúvidas. Ter amigos como os que tive no colégio me ajudou bastante.

Alguma matéria do Colégio tem ajudado particularmente no dia a dia?

Matemática, não tem como fugir. Em Direito Tributário, Contabilidade, você precisa ter uma base maior nessa área.

O que você pode dizer a quem vai prestar Direito este ano?

É uma das carreiras mais concorridas da Fuvest, mas se é o que você busca, se você acredita que é o que vai lhe dar satisfação profissional, tem que persistir.